

ANÁLISE DAS CAUSAS DO TRÁFICO TRANSATLÂNTICO DE ESCRAVOS NO REINO DO KONGO NOS ANOS DE 1506 – 1665

ANALYSIS OF THE CAUSES OF THE TRANSATLANTIC SLAVE TRAFFICKING IN THE KINGDOM OF KONGO IN THE YEARS 1506 – 1665

Alexandre Filipe Juliana Neto ¹

RESUMO

INTRODUÇÃO: se fez um estudo sobre as causas do tráfico transatlântico de escravos no Antigo Reino do Kongo, um dos reinos de Angola que existiu entre os XII e XVII da nossa era. **OBJETIVO:** Estudar as principais causas do envolvimento de portugueses e de alguns aristocratas do Reino do Kongo no tráfico transatlântico de escravos no início do século XVI. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com enfoque descritiva, realizada através da recolha e leitura de distintas obras de alguns autores. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Após termos revisado a bibliografia existente sobre a historiografia do Reino do Kongo, se constatou que as causas do tráfico transatlântico de escravos estava ligada aos interesses econômicos tanto dos portugueses como dos aristocratas do Reino do Kongo, fundamentalmente com a chegada de Portugal ao Brasil, onde instalaram grandes plantações de cana de açúcar e que o seu cultivo exigiam mão de obra quantitativa, barata e experiente em atividades agrícolas de climas tropicais, razão pela qual Portugal recorreu aos africanos do Reino do Kongo, daí foram exportado do Reino do Kongo para o Brasil milhares de angolanos como escravos.

PALAVRAS-CHAVE: Tráfico, Tráfico Transatlântico, Escravos, Reino.

ABSTRACT

INTRODUCTION: a study was carried out on the causes of the transatlantic slave trade in the Ancient Kingdom of Kongo, one of the kingdoms of Angola that existed between the XII and XVII of our era. **OBJECTIVE:** To study the main causes of the involvement of Portuguese and some aristocrats from the Kingdom of Kongo in the transatlantic slave trade in the early 16th century. **METHODOLOGY:** This is a bibliographical research, with a descriptive focus, carried out through the collection and reading of different works by some authors. **FINAL CONSIDERATIONS:** After reviewing the existing bibliography on the historiography of the Kingdom of Kongo, it was found that the accusations of the transatlantic slave trade were linked to the economic interests of both the Portuguese and the aristocrats of the Kingdom of Kongo, fundamentally with the arrival of Portugal to the Brazil, where they installed large sugar cane plantations and their cultivation required quantitative, cheap and experienced labor in tropical climates, which is why Portugal resorted to Africans from the Kingdom of Kongo, from there they were exported from the Kingdom of Kongo. thousands of Angolans to Brazil as slaves.

KEYWORDS: Traffic, Transatlantic Traffic, Slaves, Kingdom.

¹ Licenciatura em Ciências de Educação, opção História, pela Universidade Agostinho Neto (Angola). Mestre em Ciências de Educação, opção Currículo e Administração, pela Universidade Católica de Maule, Talca, Chile. Doutorando em Ciências de Educação, pela ACU - Absolute Christian University. Docente do Instituto Superior Politécnico do Soyo, Zaire (Angola), desde de 2011. **E-mail:** alexandre.neto@live.com.pt. **Currículo Lattes:** lattes.cnpq.br/8715005024531968

INTRODUÇÃO

O período que vai do século VII ao XV, que corresponde à idade média europeia, para África é um período de desenvolvimento económico, político e cultural «conhecido como período de grandes séculos de África», portanto nada inferior ao de Europa. Até ao século XII ou XIII, a África subsariana e Centro Ocidental, produziu uma das civilizações que mais se destacou pelo seu nível de organização económica, política e sociocultural que é o Reino do Kongo. O reino do Kongo, fundado pelo povo Bakongo entre o XII ou XIII, mas o seu sentido histórico mudou bruscamente, quando Portugal entra em contato com o Estado do Kongo, por intermédio do capitão Diogo Cão, a 23 de Abril de 1482, fim do século XV (ALBERTO,2005). Estabelecendo aí as primeiras relações políticas, comerciais e culturais com o Reino do Kongo. Portugal, nação pioneira da expansão, motivado pela crise económica vivida no momento, começou as suas expedições marítimas no início do século XV, conquistando assim, em 1415 a cidade marroquina de Ceuta, a norte de África. A finalidade da expansão marítima europeia era encontrar novas fontes de riqueza, para a resolução da crise económica na Europa. E no início do século XVI, começa um terrível tráfico transatlântico de escravos no Reino do Kongo.

O tráfico transatlântico significa levar algo para outro lado do mar. O tráfico transatlântico de escravos foi uma atividade económica que vigorou entre os séculos XV e finais do século XIX. Era uma atividade exercida pelos europeus, desde a sua presença no continente africano, onde trocavam produtos de luxo em seres humanos. Nesta atividade comercial, havia uma participação ativa de alguns aristocratas africanos, que trocavam os seus filhos, irmãos, sobrinhos, amigos, cativo de guerra em produtos de origem europeia. O tráfico transatlântico de escravos, levou milhares de africanos ao exterior do seu continente em condições totalmente desumanas, criando assim subpovoamento,

atraso económico e, por conseguinte, o desaparecimento de grandes Reinos e Impérios africanos. Deste modo, o Reino do Kongo, sendo um reino africano, foi fortemente afetado pelo tráfico transatlântico de escravos que contou com a participação ativa da sua aristocracia nesse tipo de negócio tal como em noutros reinos africanos. De fato, no reino do Kongo como noutros reinos africanos, já havia escravatura antes da presença europeia, mas era uma escravatura doméstica ou patriarcal², sem fins comerciais. Na escravatura doméstica ou patriarcal os escravos eram usados como servidores e tinham alguns direitos reservados, por isso totalmente diferente da escravatura exercida pelos europeus até finais do século XIX (BENDER, 2004).

O tráfico transatlântico de escravos foi algo inédito e desumano para o povo Bakongo. O espaço temporal desta pesquisa é delimitada no período da historiografia do Reino do Kongo que vai de 1506 – 1665. O tráfico transatlântico de escravos no Reino do Kongo começou após a morte de Nzinga – Nkuvu em 1506 (conhecido com o nome de batismo de Don Joao I)³, sobe ao poder o seu filho Nvemba –a- Nzinga (com o nome de batizado de Don Afonso I); este, por sua vez, estabeleceu um intenso tráfico de escravos, fazendo guerras aos povos vizinhos. Don Afonso I procurou afirmar relações diplomáticas mais intensas, através de embaixadores enviados ao rei português (SETAS,2007).

Durante o seu reinado até 1543 (37 anos no poder), Don Afonso I (Nvemba- a- Nzinga) buscou sempre defender os interesses de Portugal. Fato é este que criou instabilidade política e anarquia no comércio de escravos, onde vários kongueses⁴ desejavam, através do tráfico humano, obter fabulosos lucros a todo custo. Em 1665 foi o ano do início das hostilidades que,

² Eram cidadãos comprados em algumas famílias do reino do Kongo ou ao reinos vizinhos para que servia para a execução de serviços domésticos para as famílias mais ricas do reino.

³ O quinto rei do Kongo desde a fundação reino e o primeiro o rei a estabelecer contatos com Portugal.

⁴ Natural ou cidadão do Reino do Kongo.

finalmente, conduziu à batalha de Ambwila, onde Don António I (Ki Nlaza) foi morto. A sua morte provocou a destruição da monarquia do Kongo levando-o ao declínio e à perda da independência. O tráfico transatlântico de escravos trouxe graves consequências demográficas, económicas, e políticas no reino, que até hoje, ainda vivemos estas sequelas em Angola.

Como já referenciado anteriormente, Don Afonso I (Mvemba Nzinga) sucedeu o seu país (Nzinga – a – Nkuvu Don João I) após a morte, através de um golpe militar ⁽⁵⁾ tornou-se rei do Kongo. No período do seu reinado, a religião católica passou a ser obrigatória e mandou fechar todas as casas onde se professava religião tradicional Bakongo. Após ao reinado de D. Afonso I, segundo BENDER (1976), nenhum Manikongo recebeu o mesmo respeito e o reconhecimento por parte do regime português.

O Reino do Kongo foi um dos mais vastos e mais antigos da África Ocidental e Austral em particular que se formou por volta do século XII ou XIII da nossa era, Nimi a Lukeni, filho de Nimi a Nzima e de Lukeni dya Nzanzi (filha de Nessas Ku kilan) é o lendário histórico do reino, reuniu todas as tribos que falavam kikongo à volta de Mbanza Kongo, sendo também como sua capital (SETAS, 2007).

Quando os portugueses chegaram em 1482, havia já cerca de dois séculos e meio em que os povos da origem Bakongo (ou Ambudu) tinham se estabelecido no curso inferior do rio Zaire ou Kongo sob a autoridade do célebre Nimi – a – Lukeni; o mesmo, segundo a tradição oral, teria vindo do Leste.

O reino do Kongo era um típico Estado Sudânico, fundado, por Bakongo, um povo habilidoso na técnica de ferraria devido, a este facto tornaram-se grandes caçadores e guerreiros. No reino do Kongo, os Ferreiros sempre foram tratados com honra e prestígio de chefes. O grupo dos Bakongo vindo do Vungu localidade Este da atual província de Cabinda depois de

se instalarem em Mbanza Kongo formaram o reino do Kongo (CENTRO DE ESTUDOS ANGOLANO, 1965, p.43).

No período da chegada dos portugueses, encontraram um reino organizado administrativamente. A sua influência política estendia-se até em algumas regiões da África Austral. Na sua maior extensão nos séculos XV e XVI, este Reino do Kongo, a Norte, estendia a sua influência até ao atual Gabão, Congo Brazzaville e Kinshasa, a sul até ao rio Kwanza e oeste era limitado pelo oceano Atlântico. A população da capital contava com mais de 50.000 habitantes, no século XVI ⁽⁶⁾.

Politicamente, a sucessão ao trono era preferencialmente, matrilinear, antes do rei morrer indicava normalmente um candidato à sua escolha que o podia substituir. Às vezes, a escolha do sucessor, era feita através de um conselho eleitoral composto por três grandes: Mani Vunda (era o chefe da terra de S. Salvador e de rituais de sagração real), Mani Mbata e Mani Soyo eram os que decidiam quem devia ser o novo rei. O Reino do Kongo composto por seis (6) províncias tradicionais, nomeadamente: Mpemba ao centro do país e era a região que se situava a capital do reino «Mbanza Kongo»; Soyo ao sul da foz do rio Zaire situado na costa marítima ou Atlântica; Mbamba era uma província muito rica e vivia o Mani Mbamba «governador desta província e a família real»; Mbata ficava a Este, junto do rio Kwango; Sundi província que ficava a nordeste, na margem do rio Zaire; Mpanzu uma província que foi conquistado no século XV. Além destas províncias, haviam também alguns povos ou reinos vizinhos que pagavam o imposto obrigatório ao reino do Kongo como: Ngoyo, Kakongo, Luango e o Ndongo (AMARAL, 1996).

Economicamente o Reino dependia da agricultura, do artesanato (fabrico de instrumento de ferro, barro ou verga), da caça e da pesca. O principal trabalho do povo do Kongo era agricultura, cultivava-se cereais: Sorgo, Massango, etc. os instrumentos usados

⁽⁶⁾ www.Sanangol.Co.ao/.../angolaHistory_pt.shtml-Em cache- Semelhante.

⁽⁵⁾ Eram militares compostos de Portugueses e kongueses.

para os trabalhos eram enxada e os machados de ferro. Socialmente, o Reino era dividido em duas classes sociais: os aristocratas (Mfumu⁷ e Manis⁸) esta classe era composta pelo soberano e os altos funcionários da sua corte como os Manis que eram chefes provinciais e dependiam totalmente do soberano (o Ntтила) e o povo que era a classe que compunha a maioria da população do reino, onde se encontravam os camponeses e escravos (SETA,2007).

OBJETIVO

Estudar as principais causas do envolvimento de portugueses e de alguns aristocratas do Reino do Kongo no tráfico transatlântico de escravos no início do século XVI.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de natureza descritiva. O método bibliográfico permitiu a recolha e leitura de distintas obras escritas, publicada por alguns autores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O tráfico transatlântico de escravos enraizou-se no reinado do rei D. Afonso I, logo que assumiu o poder no Reino do Kongo. Para o cativo de mais escravos, D. Afonso I (Mvemba - Nzinga) aumentou as guerras com os povos vizinhos: como Anzikos, os Panzelungos, os Changalas, a Gente de Empalakawati e outros. O aumento do comércio de escravos, a sociedade konguesa ficou desorganizada e corrompida. Os artesãos deixaram de fazer o seu trabalho, porque se tornaram angariadores de escravos.

No Reino do Kongo, o tráfico de escravos tornou-se um negócio muito rentável, provocando caos

total para o reino, onde milhares de kongueses foram forçosamente arrancados da sua terra que os viu nascer para o estrangeiro (S. Tome, C. Verde, Portugal e Brasil).

O tráfico negreiro interessava pessoas de todos os estratos sociais, nomeadamente, civis, militares, membros da igreja e do governo, gente rica e remediada, nacionais e estrangeiros, uns mais, outros menos nos benefícios deste comércio. Os intermediários nesse processo de exportação de escravos eram os capitães de S. Tomé. Em 1514, dois comerciantes portugueses participaram de um grupo armado que assaltou as terras do Reino do Ndongo onde aprisionaram cerca de 400 pessoas como escravos. Em 4 de Setembro de 1515, o rei do Kongo, D. Afonso I, vendeu 78 escravos ao piloto do navio Sta Catarina, Bartolomeu Dias e cada escravo custou 1000 reais, obtendo assim 78 mil reais como resultado do negócio. Em 1516 o secretariado de Estado António Carneiro mandou vir do Congo por via S. Tomé um navio com 400 escravos. Para resgatar mais escravos, o reino acelerou a guerra com os povos vizinhos, já que a concorrência era tanta e dava muito dinheiro. Os escravos serviam como meio de troca por produtos de luxo de origem europeia. De Portugal vinham artigos de troca como: missanga (colares ou fios de ouro), vinho tinto ou branco, farinha, espelho e outros produtos de luxo e das mãos dos kongueleses, os portugueses recebiam: escravos e marfim. Isto motivou afluência de muitos comerciantes e Padres para o Kongo. Os reis de Portugal usavam escravos como recompensa para os trabalhadores mais destacados do serviço do Estado português (MINISTÉRIO DA REPUBLICA DE ANGOLA, 1996).

Em 1512 eram exportados anualmente, cerca de 5000 escravos, a partir do porto do Mpinda⁹. O rei Don Afonso I, pagava as mercadorias e serviços essenciais de origem europeia com escravos. A necessidade de mão-de-obra para a colónia portuguesa

⁷ Na língua kikongo significa "Chefe".

⁸ Na linguagem kikongo significa "Governador".

⁹ Região do atual município do Soyo, província do Zaire, Angola.

do Brasil, cedo o tráfico transatlântico de escravos tornou-se intenso, no Reino do Kongo, acelerando as guerras quer no reino como aos povos vizinhos, de modo a satisfazer a procura.

A partir de 1530, com a colonização portuguesa no Brasil, baseou – se igualmente na exploração da cana de açúcar, o que fez com que a procura de mão de obra escrava negra aumentasse constantemente, onde os traficantes portugueses e os intermediários congueses recorrendo a todos meios para sua aquisição. Neste período (1530), o número de escravos exportados do Kongo, através do Porto do Mpinda estimava-se me mais 5000 por ano, pois o índice de mortalidade durante a marcha até Mpinda e o tempo de espera para embarque era grande, outros morriam durante travessia do atlântica, do reino Kongo (Angola) em direção ao Brasil (INSTITUTE OF RACE RELATIONS, 1965 e MARTINS,2001).

Até ao fim do século XVII, estimulados pelo desenvolvimento da colonização de base agrícola no Brasil, os carregamentos pelo atlântico chegaram a transportar cerca de 30 mil escravos (PERRY, s/d)

Os escravos capturados pelos portugueses as idades rondavam entre 15 e 20 anos e, os que tinham 30 a 50 anos de idade não eram comprados. A população africana como escravo eram transportados em barcos. Muito deles seguiam a viagem no porão, que quase não tinham espaço para se deitarem. Viajavam acorrentados para não fugirem e, quando tentassem revoltar-se eram chicoteados ou mortos. Devido aos maus-tratos, falta de higiene e de boa alimentação, grande parte dos escravos morriam durante a viagem. Quando chegassem à América eram vendidos a novos senhores que os obrigavam a trabalhar todo o dia como se fossem animais, sem descanso, mal alimentados, sofrendo sempre castigos brutais. Quando se revoltassem contra os donos eram mortos.

Sucessão Matrilinear constituía a sua principal organização política. A agricultura, pesca, caça, comércio e o sistema tributário era a base da sua organização económica. Era uma sociedade tipicamente religiosa, sempre acreditou na existência de um Deus todo-poderoso (Nzambi a Mpungu). Aristocratas e o povo constituíam a estratificação da sociedade Bakongo. A escravatura doméstica era uma realidade no reino do Kongo que é, totalmente, diferente a que vigorou, a partir do início do século XVI, «o tráfico transatlântico de escravos».

O tráfico transatlântico de escravos no Reino do Kongo estava a ligado a interesses económicos, tendo em conta, a necessidade portuguesa da mão de obra quantitativa e barata para trabalhar em várias fazendas, onde se cultivavam especialmente, a cana de açúcar e outras culturas nas Ilhas Atlântica de S. Tome e C. Verde (o povoamento dessas ilhas está relacionado com a chegada de escravos negros oriundos do Reino do Kongo). Com a descoberta do continente americano, os portugueses assim como os outros europeus como: Holandeses, Franceses, Espanhóis, Ingleses, precisavam de mão-de-obra para trabalhar nas minas e nas grandes plantações que tinham na América, no entanto, a exploração destas terras exigia numerosa mão-de-obra. Os índios não aguentavam o trabalho, uns morriam e outros fugiam. Então, os traficantes recorreram a população africana, já que era mais experiente em atividades agrícolas das regiões quentes.

A chegada dos navegadores portugueses à América do Sul, concretamente, no Brasil levou a intensificação do tráfico de escravos no Reino Kongo, daí foram exportados milhares de negros como escravos. O Brasil pela sua grandeza e importância dada pela coroa portuguesa foi a colónia que mais escravos negros recebeu durante o tráfico negreiro, maioritariamente vindos do Reino do Kongo.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

REFERÊNCIAS

ALBERTO, M. A.M. Trabalho do fim do curso em ciências da educação opção História ISCED- Cabinda. Agosto 2005.P 36.

AMARAL, I. do, O reino do Congo, os Mbundu /Ambundu/ , o reino dos Ngolas (ou de Angola) e a presença portuguesa, de finais do século XV a meados do século XVI. Lisboa.1996.

ANGOLA CENTRO DE ESTUDOS ANGOLANOS, Grupo de trabalho História e Etnologia. Publicado inicialmente em Argel, em Julho de 1965. C – MPLA.

BENDER, G.J. Angola sob domínio português. Mitos e realidades, Sá da Costa Editora, 1976. Tradução de inglês por Artur Morão, revista pelo editor capa de José Cândido.

BENDER, G. J. Angola, Sob o domínio português. Mito e Realidade. Editora: Nzila . Agosto, 2004.

INSTITUTE OF RACE RELATIONS, The portuguese conquest of Angola. Tradução de Altino Ribeiro e Sérgio Moutinho. 1965.

MARTINS, A. História. Civilização Portuguesa. 9ª Edição: 2001.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Iniciação a História. Ensino de base 4ª classe. 1996.

PERRY, M., Civilização Ocidental. Uma história concisa. 2ª Edição.

SETAS, A., História do reino Kongo. Setembro de 2007.